



“APRENDEMOS MUITAS COISAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO CETIT

Érica de Almeida Bonfim – Colégio Estadual de Tempo Integral Tiradentes (CETIT)
Romário Silva Jorge – Colégio Estadual de Tempo Integral Tiradentes (CETIT)

Resumo

O presente estudo, organizado no formato de Relato de Experiência (RE), objetivou (1) refletir sobre os (des)caminhos da Educação Especial e Inclusiva (EEI) e (2) analisar os resultados de uma experiência de mediação da EEI em uma escola da rede estadual de ensino da Bahia. Para cartografar os cenários, o contexto de realização e os resultados das oficinas desenvolvidas com um grupo constituído por oito estudantes com deficiência matriculados no Colégio Estadual de Tempo Integral Tiradentes (CETIT), localizado no município de Oliveira dos Brejinhos – BA, recorreu-se às foto(grafias), às atividades desenvolvidas e aos depoimentos dos/as participantes. Da análise qualitativa desses dados, emergiram os seguintes resultados: a participação nas oficinas está sendo permeada pelo prazer, visto que os/as estudantes PCDs dizem estar aprendendo de maneira divertida, por meio de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras. Com isso, vê-se um esforço em assegurar condições para que eles/as acessem e permaneçam na escola, tendo em vista o princípio-direito da inclusão. Em síntese, este trabalho incita novas experiências no campo da EEI, especialmente nas turmas regulares de ensino, onde as práticas educativas inclusivas são quase inexistentes.

Palavras-chave: Educação Especial. Inclusão. CETIT.

INTRODUÇÃO

Com Paulo Freire (1996), aprendemos que ensinar é um ato que envolve, dentre outras coisas, amorosidade, comprometimento, disponibilidade para escutar e querer bem aos educandos. Esses saberes-fazerem alicerçam a Educação Especial e Inclusiva (EEI), que compreende as situações de ensino e aprendizagem para Pessoas com Deficiência (PCD), ou seja, aquelas “[...] pessoas que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial” (Brasil, 2015, s.p.).

Filho e Anache (2022, p. 5) asseveram que a escolarização de estudantes com deficiência ainda está distante do “lugar” que as legislações apregoam como ideal. Para eles, o “desenvolvimento da política educacional, com vistas a garantir o processo de universalização



de matrículas, sem discriminar e excluir, precisa investir em todas as etapas de ensino tanto em condições infraestruturais, quanto humanas”.

Nesse prisma, enquanto território permeado pelo aspecto da diferença, a instituição escolar pode servir de espaço para o descortinamento de práticas pedagógicas inclusivas ou contribuir para a intensificação daquelas que discriminam e excluem (Filho; Anache, 2022). Inclinado para o primeiro grupo, o presente texto resulta de uma pesquisa que intentou refletir sobre os (des)caminhos da EEI, partindo da análise de uma experiência de mediação que teve como *locus* uma escola pública da rede estadual de ensino do Estado da Bahia.

Motivados pelas provocações de Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 72), adotamos “[...] a modalidade do Relato de Experiência (RE) como construção de conhecimento”, com a aposta de que este “relato referenciado-fundamentado” possa inspirar mudanças (Freire, 1996) e implicar na melhoria da formação acadêmica e ações laborais, tanto dos sujeitos diretamente envolvidos na ação quanto dos/as leitores/as que demonstram afinidade com a temática.

OBJETIVO(S)

- Refletir sobre os (des)caminhos da Educação Especial e Inclusiva (EEI);
- Analisar os resultados de uma experiência de mediação na EEI no contexto do Ensino Médio da rede estadual de ensino da Bahia.

METODOLOGIA

Na condução metodológica deste trabalho, recorreremos ao paradigma qualitativo das pesquisas em educação para fazer emergir um RE, modalidade de escrita acadêmico-profissional que, como defendem Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 63), remete a “[...] uma expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos”.

A elaboração deste RE possui afinações com a cartografia, abordagem que remonta ao ato de mapear os movimentos, as sinuosidades, os tempos e espaços (Neuscharank; Dalmaso; Oliveira, 2019) de uma experiência de mediação no âmbito do Projeto *Educ(ação) especial*



para ensinar e cuidar de estudantes PCDs, desenvolvido no Colégio Estadual de Tempo Integral Tiradentes (CETIT), instituição pública da rede estadual de ensino da Bahia.

Entre as ações do referido Projeto, tomamos como objeto de apreciação a mediação das oficinas com estudantes PCDs matriculados/as no CETIT, as quais estão sendo desenvolvidas desde o mês de abril do ano letivo de 2024, beneficiando a um total de oito estudantes dos turnos matutino e vespertino. Ao olhar para a experiência, selecionamos todos os elementos que pudessem nos ajudar a cartografar os contextos da mediação, os desafios e resultados alcançados. Nessa direção, as foto(grafias) dos encontros, as atividades desenvolvidas, o relato dos/as participantes¹ e anotações feitas em Diário de Campo foram tomados como elementos importantes para o ato de cartografar.

Ao final dessa empreita, o que se tem é um RE que, como um mapa, comunica as especificidades da experiência e suas implicações na vida dos sujeitos-estudantes, servindo de impulso para o (re)planejamento de outros tempos-espacos de ensino, aprendizagem e formação no contexto da EEI, seja no contraturno escolar ou nas classes regulares de ensino.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

As oficinas desenvolvidas até o dia 30 de julho de 2024 oportunizaram a vivência de situações reais de inclusão, onde os/as estudantes puderam desenvolver múltiplas habilidades. A construção do conhecimento ocorreu a partir da articulação teoria-prática e da experimentação, em um espaço que favoreceu o diálogo, o intercâmbio cultural, a troca de ideias e saberes (ver figuras 1 e 2, na página seguinte).

As tarefas experienciadas pelos estudantes PCDs contemplaram uma dimensão lúdica e foram planejadas pela profissional responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola, tendo em vista as necessidades individuais e coletivas do grupo. Para conhecer o nível de aprendizagem e a realidade social de cada estudante, foi feita uma avaliação preliminar, de caráter diagnóstico, a fim de identificar suas limitações e potencialidades.

¹ Para preservar a identidade dos/as partícipes, utilizamos pseudônimos ligados a flora local (Barrigura, Juazeiro, Jurema e Umbuzeiro) e escolhemos fotografias que não mostram seus traços faciais.

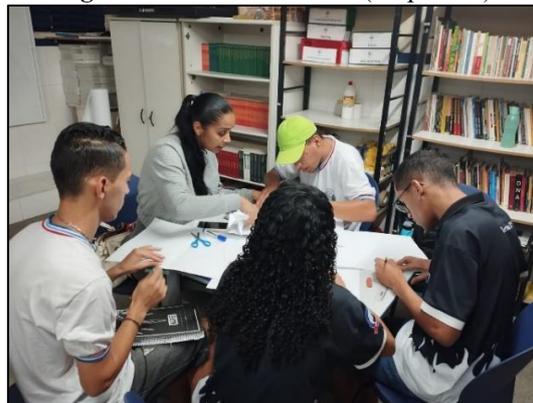


Figura 1 – Oficina de Artes (matutino)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Figura 2 – Oficina de Artes (vespertino)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Na condução do trabalho, buscou-se estimular a participação e o bem-estar. Quando os/as estudantes não conseguiam realizar as tarefas no tempo previsto, as mesmas eram retomadas em outro momento, mediante atendimento individualizado. Nota-se que tiveram uma evolução significativa na oralidade, no raciocínio lógico, na coordenação motora e na compreensão do sistema de escrita. Aqueles/as que se encontravam em um nível pré-silábico, por exemplo, passaram a ler e a grafar palavras curtas, identificando-as em pequenos textos, mediante intervenções pontuais, como evidenciam os registros abaixo:

Figura 3 – Mediação da Profissional de AEE em uma situação de leitura escrita



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024

Figura 4 – Realização da atividade “Que som é esse?”, no campo semântico dos animais



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024



Para compreender a importância e o significado do trabalho desenvolvido até o período supracitado, na perspectiva dos/as sujeitos da ação, indagamos: Para vocês, como foi/está sendo participar das oficinas? – No dia em que fizemos o questionamento, quatro estudantes não estavam presentes, por razões particulares. Embora não tenham apresentado uma escrita com correção ortográfica e gramatical, visto que se encontram no processo de compreensão do sistema de escrita, os relatos (ver figuras 5, 6, 7 e 8) evidenciam não apenas uma evolução, mas também os sentidos que eles/as atribuem ao trabalho realizado:

Figura 5 – Relato de Barriguda, 3ª Série

Eu gosto da aula de ReForço
as aula e Boa Aprender muitas
Coiza gosto de ler e Aprender
essa aula Aprender muitas
Coiza Eu gostei da aula de
ReForço

Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Figura 6 – Relato de Juazeiro, 3ª Série

As aulas são boas. Gosto de
fazer. Eu teve pois, desenhando
participar das jogos e das
brincadeiras

Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Figura 7 – Relato de Jurema, 3ª Série

Eu gosto de - Com. unificada
Eu gosto da aula - Comigo
Eu gosto da aula - matemática

Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Figura 8 – Relato de Umbuzeiro, 1ª Série

gosto das aulas

Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

As oficinas – para eles, “aulas de reforço” – são boas, pois nelas “aprendem muitas coisas”: leem, escrevem, fazem tarefas, desenham, praticam jogos e brincadeiras. Esse



feedback, que demonstra bastante contentamento por parte dos/as informantes, nos leva a acreditar que, pensar-fazer a EEI é difícil, mas não possível. Nos provoca, ainda, no sentido de tentar superar essa lógica em que os sujeitos são inseridos/as em salas de aula somente para atender às leis e às prescrições escolares, como um reflexo da velha educação exclusiva.

As ações empreendidas no âmbito do Projeto *Educ(ação) especial para ensinar e cuidar de estudantes PCDs* reiteraram a nossa compreensão de que todos os argumentos para incluir pessoas com deficiência e/ou com dificuldades de aprendizagem nos levam a percorrer um caminho árduo e cheio de desafios, fato este que deve impulsionar a procura por conhecimentos, por formação e estratégias mais apropriadas para mediar a relação em torno do ensinar e aprender, desmistificando preconceitos acerca de alunos PCDs na escola, sobretudo em classes regulares do Ensino Médio, onde essas questões são ainda mais complexas e desafiadoras.

CONCLUSÕES

A experiência aqui relatada evidencia a importância das oficinas de Alfabetização/Letramento e Artes, no contexto do CETIT, para a escolarização de estudantes PCDs no Ensino Médio. As vivências possibilitaram a superação de dificuldades e o progressivo desenvolvimento intelectual, relacional, físico e até emocional dos/as partícipes, sobretudo se tomamos como referência o diagnóstico inicial feito pela profissional de AEE.

Os resultados mostram, indiretamente, a necessidade de mais investimentos no que tange à Educação Especial e Inclusiva na escola, especialmente nas classes regulares, onde as práticas inclusivas são quase inexistentes. Nesse sentido, é urgente que se tenha mais investimentos no que tange a formação inicial e continuada de professores/as.

Enfim, é mister reiterar que as práticas de inclusão representam o esforço de promover a igualdade entre as pessoas, elas que possuem o direito de acesso aos sistemas de ensino, sem discriminação ou segregação de qualquer natureza. Acesso este que perpassa a oferta de suportes para que todos/as possam se desenvolver integralmente, o que só é possível a partir de um trabalho cuidadoso e coletivo, encarnado na realidade, visceralmente humano e amoroso, como tanto pregou o saudoso Paulo Freire (1996) em seus ditos e escritos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

FILHO, Daniel Mendes da Silva; ANACHE, Alexandra Ayach. A escolarização de estudantes com deficiência: hegemonia e singularidades nas classes comuns. **Anais... XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022).**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 28 jul. 2024.

NEUSCHARANK, Angelica; DALMASO, Alice Copetti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação. **Educação** (Porto Alegre), v. 42, n. 1, p. 3-11, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/26673/17860>. Acesso em: 29 jul. 2024.